

IMAGENS DO EGO E PROTOCOLO DO SCRIPT

A COMUNICAÇÃO NO INÍCIO DA VIDA

Marcia Beatriz Bertuol

IMAGENS DO EGO E PROTOCOLO DO SCRIPT - BRASIL

A COMUNICAÇÃO NO INÍCIO DA VIDA

INTRODUÇÃO

A foto sugere frio e chuva. Abaixa-se o vidro respingado de água da janela traseira do carro, um manto de laranja com bolinhas vermelhas, pela rua úmida e brilhante, recordações, instantes, olivar assustado silencioso. O cenário de inverno com um nevoeiro sobre a cabeça do bebê e olhos dele, parte do corpo de uma mulher, perceptível pela roupa, já que o rosto não é visto, mostra que o bebê está sendo segurado no colo dela. A imagem impactando faz parte do cartão que mostra um trabalho de final de semana sobre escolhas de vida. A interpretação feita sugere que a foto, usada no momento da interpretação, é uma expressão da própria experiência com o processo de vida, e uma expressão

MARCIA BEATRIZ BERTUOL

UNAT-BRASIL- UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE

PORTO ALEGRE – RS

2010

IMAGENS DO EGO E PROTOCOLO DO SCRIPT -

A COMUNICAÇÃO NO INICIO DA VIDA

Márcia Beatriz Bertuol

UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS – BRASIL

FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE

INTRODUÇÃO:

A foto sugere frio e chuva. Através do vidro respingado de água da janela traseira do carro, um rosto de criança com bochechas vermelhas, pele muito branca e grandes, redondos, tristes, talvez assustados, olhos. O casaco de inverno com um capuz cobre a cabeça do bebê e, atrás dele, parte do corpo de uma mulher, perceptível pela roupa, já que o rosto não é visto, indica que o bebê está sendo seguro no colo dela. A imagem impactante faz parte do cartaz que montei em um trabalho de final de semana sobre script de vida. A interpretação feita sugere que a foto, colada no canto inferior esquerdo da cartolina, na região relacionada com o passado mais remoto, é uma representação de mim mesma. Uma imagem de minhas primeiras experiências no mundo. Aqueles olhos, a face muito rosada, a expressão profundamente séria em um rosto de bebê nunca mais abandonaram minha mente. As histórias sobre meu nascimento vêm sempre acompanhadas de um fato que, para meu pai, foi muito significativo. Ele, um homem de origem italiana, filho de imigrantes pobres e muito trabalhadores, havia importado um carro dos Estados Unidos. Não qualquer carro, e, sim, um "carrão"! Um modelo Fairlane 1960, todo azul por dentro e por fora, um daqueles carros que vemos nos filmes americanos do final dos anos 50, início dos 60. Um "rabo de peixe" muito grande e imponente. E que veio a ser o melhor carro da pequena cidade em que morávamos. Pois este "sonho de consumo" de meu pai chegou junto comigo. Enquanto eu nascia, um colega de papai foi a Santos, SP, buscar o

carro. Eu saí do hospital, junto com minha mãe, neste lindo automóvel. Talvez por isso, a foto ficou tão impactante para mim. Eu sabia que esta história havia ficado "colada" com meu nascimento. E carros, de uma maneira ou de outra, chamariam minha atenção para sempre.

Este laboratório sobre script de vida, um tema sempre curioso para mim, acentuou o desejo de compreender melhor este conceito dentro da Análise Transacional. Mais que compreender, estimulou a vontade de descobrir como é possível mudar este programa inicial. Assim, foi quase um movimento orgânico, para eu e minha colega de trabalho – Jane Maria Costa – criar um workshop que visasse este objetivo: tanto o desvelar do script em sua versão mais primitiva, como propor movimentos de mudança.

Além disso, o que chama atenção e desperta curiosidade na minha atividade como psicoterapeuta, é *como estas primeiras impressões ficam registradas em nossas mentes, corações e corpos*. Como foi possível que eu, em uma única imagem, tivesse podido resumir toda uma cena de meu nascimento, que envolvia não apenas minha experiência direta, mas também o estava acontecendo no ambiente em minha volta?

Escuto meus clientes todos os dias e encontro em cada um os registros de suas primeiras experiências. Como quando montamos um enorme quebra-cabeça e encontramos as peças principais do desenho - e aí conseguimos resolver a montagem - quando descobrimos quais foram as primeiras experiências de vida, as muitas peças desencaixadas da vida atual começam a se juntar e uma imagem nítida, clara e plena de significado, emerge.

Enquanto ainda graduanda de Psicologia, encontrei na Análise Transacional, o conceito sobre *Script* de vida: *"um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subseqüentes e culminando numa alternativa escolhida"* ((BERNE, 1988, pg. 356)

A hipótese é de que todos nós, durante a infância, elaboramos um plano de vida, que fica registrado em nosso pré-consciente e que responde a questões vitais: quem sou eu, quem são os outros e como será minha vida? As

informações que a criança utiliza para responder a questões tão profundas vêm de suas experiências com o mundo.

Os textos de Berne oscilam entre deixar claro que as crenças e decisões da criança são resultado de suas percepções e conclusões internas e, em outros momentos, sugerir que os pais de alguma maneira colocam injunções, proibições, permissões, em seus filhos.

A criança nasce livre, mas logo aprende diferentemente. Nos primeiros dois anos ela é programada, em particular, por sua mãe. Esse programa forma o esqueleto original ou a base de seu script, o esboço primal, centrado no início no engolir e ser engolido e depois, no lacerar e ser lacerado. (...) Poucas são as pessoas que se recordam desse período que, de muitas maneiras, é o mais importante (...). Dos 2 aos 6 anos o chão torna-se mais firme, pois quase todos se recordam de algumas transações, incidentes ou impressões dessa fase do desenvolvimento do script (...). (BERNE, 1988, p.91)

Numa perspectiva fisiológica, Berne (1988) coloca que programação significa facilitação, a criação de uma trilha com pouca resistência. Isso quer dizer que um dado estímulo vai eliciar, com muita probabilidade, uma resposta já estabelecida. Fenomenologicamente, programação parental significa que a resposta é determinada pelas diretivas parentais, que ficam registradas como vozes, e que podem ser observadas por qualquer um que escute cuidadosamente as "conversas dentro da própria cabeça".

Tais mudanças no texto geraram muitas dúvidas e questionamentos nos praticantes da AT e, de forma geral, não temos claro quais são os mecanismos de comunicação entre pais e filho(a) que realmente fazem parte na formação do *Script*. Assim sendo, o *como as impressões ficam registradas* é o tema deste estudo. Pretendo aqui focar no que acontece nos dois primeiros anos de vida, os tempos sem palavras, em que todo o vivido é sensação-emoção-imagem.

O avanço no conhecimento da neurobiologia tem proporcionado *insights* importantes e auxiliado a compreensão de como o script de vida se organiza. Basicamente, podemos pensar em dois períodos importantes: (1) a formação do protocolo do script – as experiências dos primeiros 2 a 3 anos de vida, e (2) a elaboração do script propriamente dito, a narrativa que responde às questões existenciais básicas da experiência humana.

Berne (1988) afirmava que o esboço primal (protocolo) do script era concebido na mente da criança durante os dois a três primeiros anos de vida, e muitos elementos anteriores influenciavam esse processo. A cultura e o meio social dos pais, as influências ancestrais, a concepção, o nascimento, a escolha do nome, são todos elementos pré-existent à própria vida da criança, e que já contam para sua trajetória individual. Após o nascimento, a relação com a mãe assume o foco central, até que a presença do pai, e de outras pessoas da família, comece a ser percebida. A percepção do mundo externo é bastante limitada para a criança pequena e os pais parecem figuras mágicas, enormes, dotados de muitos poderes.

Um analista transacional especialista em desenvolvimento infantil, James Allen, em dois artigos sobre “Biologia e Análise Transacional” (1999/2000), propõe uma revisão dos conceitos originais de Berne à luz dos conhecimentos atuais sobre neurologia e desenvolvimento. Ele é um dos autores que busca as conexões entre mente e cérebro e afirma que a mente emerge da estrutura e do funcionamento do cérebro. Estes, por sua vez, são modulados pelas interações entre experiências e processos neurofisiológicos internos. Ou seja, é na relação entre o vivido e os movimentos internos que as conexões entre os neurônios se estabelecem, moldando os processos mentais.

Mente e cérebro, portanto, são interdependentes. Alterações neurofisiológicas no cérebro podem ser relacionadas causalmente com influências psicológicas, pois o cérebro é uma estrutura dinâmica que é afetada e modificada pela experiência. O que corrobora a perspectiva psicoterapêutica de que é possível uma pessoa mudar a visão que tem de si mesma, dos outros e de suas

possibilidades na vida. Para Allen (1999), os Estados do Ego podem ser atualizados e o *Script* redecidido.

Estados do Ego dizem respeito a como a personalidade se estrutura e organiza e, na proposta teórica de Berne (1988), foram por ele conceituados como *"um padrão consistente de sentimento e experiência relacionado diretamente a um padrão de comportamento consistente correspondente."* (p.353)

Allen propõe que passemos a entender os Estados do Ego como redes neurais, e que possamos compreender o desenvolvimento da personalidade e do *Script* em termos biológicos também.

"Quando falamos em estados de ego Pai, Adulto ou Criança, estamos realmente nos referindo à probabilidade de que uma rede particular de neurônios está ativada. Um estado de ego é um perfil de ativação que inclui não só os módulos específicos de processamento de informações que estão ativados, mas também o que estes estão processando. A construção dos estados de ego depende do ambiente e estados de ego são co-construídos interpessoalmente. Cada um destes módulos possui regras específicas e também problemas particulares que procuram resolver. Além disso, é provável que esta rede neural será novamente ativada, pois neurônios que "disparam" conjuntamente tendem a "ligar-se" e "dispararem" juntos no futuro". (ALLEN, 1999, p.43)

O que está acontecendo na mente de um bebê nestes primeiros anos é um intenso desenvolvimento. Toda a experiência interage com o organismo, é percebida e processada no cérebro e vai criando redes neurais que formam os processos mentais.

A elaboração do script de vida está acontecendo neste movimento de organização da personalidade e, em verdade, são duas maneiras de se olhar um único processo: a estruturação da mente da criança.

Dois outros autores causaram um profundo impacto na compreensão sobre a interação do organismo humano com seu ambiente. São dois biólogos que, iniciando seus estudos totalmente dentro de temas da ciência biológica,

terminaram por trazer importantes contribuições para a Psicologia: Bruce Lipton (2007) e Humberto Maturana (2004). Suas pesquisas abrem perspectivas muito interessantes sobre o processo de co-construção interpessoal dos Estados do Ego e do *Script* de vida e apontam para uma direção que esclarece a pergunta central deste artigo: como a comunicação se dá entre mãe/pai e bebê e como as imagens ficam registradas?

Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller (2004) iniciam colocando sua compreensão de como o ser humano se constituiu como humano a partir da evolução natural dos mamíferos bípedes. Nossa diferenciação do grupo de primatas inicia quando a convivência na linguagem começou a se manter geração após geração como um modo de conviver. A conservação do conviver na linguagem é o que constitui e define a linhagem humana. A linguagem existe entrelaçada com o emocionar e conversar envolve os dois âmbitos da experiência. Viver no conversar, que se mantém há mais de 3 milhões de anos, criou o que hoje conhecemos como ser humano (*homo sapiens sapiens*).

O viver na linguagem está sempre permeado pela emoção e ambas, linguagem e emoção, podem ir mudando ao longo do caminho, pois o fluir de uma afeta a outra reciprocamente. Além disso, *é a emoção que define a ação. Toda ocupação humana acontece em uma rede específica de conversações* (MATURANA, 2004, p.11)

Não existe ação humana acontecendo fora do espaço do conversar e as conversações são redes entrelaçadas entre o linguajar e o emocionar. O elo fundamental é dado pela emoção vivenciada na relação, já que é o emocionar presente que definirá as ações que acontecerão e se coordenarão no espaço da convivência.

Assim, os autores seguem afirmando que, quando se trata do desenvolvimento das crianças o que ocorre é que

“a criança cria seu espaço psíquico como seu espaço relacional, ao viver na intimidade e em contato corporal com sua mãe. Essa experiência resulta simplesmente da convivência em total aceitação e confiança

mutua nesse contato; ela não acontece por ter sido diretamente ensinada. Nesse processo a criança aprende o emocional e a dinâmica relacional fundamentais, que constituirão o espaço relacional que ela gerará em sua vida. Isto é, o que fará, ouvirá, cheirá, tocará, verá, pensará, temerá, desejará ou rechaçará, como aspectos óbvios de sua vida individual e social, na qualidade de membro de uma família e de uma cultura." (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.12)

É importante salientar que Maturana e Verden-Zöller(2004), consideram que a relação materno-infantil é um fenômeno biológico humano que envolve a mãe não como mulher, mas como um adulto numa relação de cuidado. Neste sentido, tanto a mulher como o homem tem iguais condições biológicas de estabelecer essa relação materna, pois ela é, acima de tudo, uma relação de cuidado.

Quando eles se referem à sexualidade humana, presente nesta relação de cuidado, o fazem não na consideração dos aspectos reprodutivos, e sim, entendendo-a como um aspecto do viver relacional, corporal e espiritual, que surge a partir da biologia como um elemento fundamental na harmonia amorosa de convivência no co-emocionar. É a presença dos laços sensuais e prazerosos que torna o cuidado com as crianças uma relação vivida no brincar, no agir no aqui e agora, sem prever o futuro nem visar um resultado pré-estabelecido, atitudes característica da cultura de controle e exigência patriarcal em que vivemos.

A conclusão fundamental de Verden-Zöller(2004) é que *"as consciências individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com as mães, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar"*. (p.124). A compreensão da autora sobre os fenômenos biológicos envolvidos no desenvolvimento da criança está apoiada nos estudos de Maturana (2004) que expressa isso da seguinte forma:

"Saber é fazer e fazer é saber. Porém, a ação e o comportamento surgem da operação da corporeidade do organismo, de acordo com sua estrutura no momento de sua ação ou conduta. E a estrutura de um

organismo é, a cada instante, o presente de sua história biológica, num devir epigenético que começa com sua concepção. Por isso, ninguém pode agir ou comportar-se fora do domínio de possibilidades que sua corporeidade implica. O subconjunto dos atos e condutas possíveis que um organismo desenvolve de fato ao longo de sua história individual, depende de como ele vive essa história. Desse modo, uma criança necessariamente chegará a ser, em seu desenvolvimento, o ser humano que sua história de interações com sua mãe e os outros seres que a rodeiam permitir, dependendo de como sua corporeidade se transforme nessas interações. O ser humano que um humano chega a ser vai se constituindo ao longo da vida humana que ele vive." (VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.124/125)

Assim, se o ser humano que chegamos a ser é o que vai se formando a partir das interações com a mãe e com os outros seres, este claramente é o fator decisivo na formação da personalidade humana – e portanto, do *Script* de vida. Agora, como a questão é: como essa interação se dá e as imagens ficam registradas na mente, considero que Bruce Lipton (2007), através do estudo das células em sua atividade como biólogo especialista em clonagem, traz importantes contribuições para esse entendimento.

(...) percebi que a vida de uma célula é controlada pelo ambiente físico e energético em que ela se encontra e não pelos genes. Os genes são meros modelos moleculares utilizados na construção das células, dos tecidos e órgãos. O ambiente funciona como uma espécie de "empreiteiro", que interpreta e monta as estruturas e é responsável pelas características da vida das células. Mas é a "consciência" celular que controla os mecanismos da vida, e não os genes. (LIPTON, 2007, p. 16)

O autor extrapola sua percepção do funcionamento celular para o funcionamento humano e afirma que nosso destino não é controlado por nossos genes e sim por nossas respostas aos sinais do ambiente, algo que ocorre em todo o domínio dos seres vivos. Toda célula tem a capacidade de "ler" o ambiente em que vive, identificando os ambientes saudáveis, que

favorecem a sobrevivência, bem como os ambientes tóxicos, que ameaçam a vida. Além de perceber, são capazes de reagir aos estímulos ambientais com abertura e receptividade nos ambientes saudáveis e com retração e fechamento diante de sinais tóxicos. E, também, aprendem com as experiências vivenciadas e passam para seus descendentes essa memória do que foi aprendido.

Lipton descobriu, ao longo de suas pesquisas, que o verdadeiro cérebro das células é a membrana. O núcleo tem função importante na reprodução da célula, mas uma célula enucleada sobrevive até ter que reproduzir-se, já uma célula sem membrana morre imediatamente. A sobrevivência da célula depende de sua habilidade para ajustar-se dinamicamente ao ambiente e essa é a função da membrana, que demonstra sua inteligência ao reconhecer o que é adequado ou não no ambiente para sua sobrevivência.

Ao voltar seu olhar pesquisador para a função da membrana, ele chegou a formular uma definição para a membrana celular que abriu um enorme espaço para pesquisa e um novo entendimento do funcionamento dos organismos. A definição que ele chegou foi: (...) *"A membrana é um semicondutor de cristal líquido com portas e canais"*. (p.108)

Mas o que o deixou mais intrigado foi perceber que ele já havia lido esta definição em outro lugar, não aplicado à Biologia. Foi relendo o manual do seu microcomputador que ele encontrou "(...) a definição de um chip de computador: *"Um chip é um semicondutor de cristal líquido com portas e canais"*. (p.108)

(...) O fato de a membrana de uma célula e um chip de computador serem homólogos nos permite estudar e entender melhor a estrutura das células comparando-as aos dos microcomputadores. Além disso, levamos a concluir que elas são programáveis. A segunda descoberta é que o programador está fora da célula/computador. O comportamento biológico e a atividade genética estão dinamicamente ligados às informações do ambiente, que podem ser descarregadas (como um download) no interior da célula". (LIPTON, 2007, p.109)

E é nesta compreensão do funcionamento celular que começamos a encontrar um dos "como" que nos interessa. Outro aspecto citado também agrega informação ao que nos perguntamos neste artigo. Extrapolando da Biologia para a Física Quântica ele refere que

(...) física quântica descobriu que os átomos físicos são constituídos de vórtices de energia que giram e vibram constantemente. Cada átomo é um centro que gira e irradia energia e cada um deles tem sua assinatura (movimento) e constituição (moléculas) próprios. Por isso emitem coletivamente padrões de energia que podem ser identificados. Todo material do universo, incluindo você e eu, irradiamos uma assinatura energética única."(LIPTON, 2007, p.119)

O que sugere que o principal meio de comunicação entre o organismo e o ambiente é energético. A habilidade fundamental de todo organismo vivo para manter sua sobrevivência é a capacidade de receber e interpretar os sinais ambientais. E essa transferência de sinais se dá através da energia eletromagnética – que "viaja" no espaço a uma velocidade próxima a 300 quilômetros por segundo (enquanto que os elementos químicos difusíveis tem uma velocidade menor que 1 centímetro por segundo). O cérebro, que é o principal órgão para a recepção e decodificação dos sinais é um órgão elétrico, o que permite a dedução de que os organismos humanos – e não só eles, na verdade – comunicam-se e lêem o ambiente por meio de campos de energia.

Antes de relacionar estas informações com o que Eric Berne escreveu há mais de 60 anos, de uma maneira que hoje parece um tanto premonitória, quero agregar mais um conceito trabalhado por Lipton no seu estudo: os mecanismos básicos de sobrevivência, que envolvem dois movimentos conhecidos no mundo psicológico com os mesmos nomes, inclusive. São eles: a resposta de crescimento e a resposta de proteção. O movimento de crescimento implica uma reação de ir em direção ao ambiente, em busca dos nutrientes, enquanto que a reação de proteção é um movimento na direção oposta aos sinais tóxicos do ambiente. Outra característica destes dois mecanismos é que eles não podem operar simultaneamente. Quando envolvido em uma resposta de

proteção, o organismo se fecha para trocas com o ambiente – já que este se apresenta ameaçador – e isto inibe as respostas de crescimento. O processo de crescimento requer trocas com o ambiente, e os momentos de alegria, amor e satisfação são os que mais estimulam a resposta de crescimento.

Levando esta compreensão para o desenvolvimento das crianças, o autor coloca que o sistema nervoso dos fetos e das crianças tem habilidades sensoriais e de aprendizagem muito amplas e um tipo de memória que se chama memória implícita. A possibilidade de captar as condições em que a mãe está vivendo durante a gestação já permite que um processo de adaptação a essas condições se inicie dentro do ventre materno. O desenvolvimento genético e fisiológico do bebê é afetado pelas condições ambientais vividas pela mãe, eliciando respostas adaptativas de crescimento ou de proteção conforme as circunstâncias forem percebidas. Neste sentido, os pais atuam como engenheiros genéticos promovendo o desenvolvimento de um cérebro saudável quando vivem e criam um ambiente positivo – durante a gestação e após o nascimento do filho(a) também. Ou, gerando doenças e dificuldades se ofereceram à criança um ambiente com muitas experiências negativas, que envolvam negligência, agressividade e deficiências nutricionais.

Ele volta a referir a qualidade predominantemente elétrica do funcionamento cerebral como fator chave para entendermos o que acontece nos primeiros anos de vida. O volume inimaginável de informações que são registradas por uma criança pequena com a finalidade de se adaptar e sobreviver parece ter relação com o tipo de atividade elétrica que predomina no cérebro humano do nascimento até os dois anos. As ondas cerebrais típicas deste período são as ondas delta, de frequência mais baixa. A partir dos 2 anos, ondas de frequência mais alta (como ondas teta e beta) surgem, mas até os 6 anos o predomínio ainda é das ondas delta.

Os comportamentos culturais não poderiam ser transmitidos por meio de instintos geneticamente programados, uma vez que o ambiente humano e a convivência social exigem e causam mudanças muito rápidas. Assim, as crianças pequenas interagem com ambiente e absorvem a sabedoria do mundo

através da relação com os pais, diretamente em sua memória subconsciente. E, como resultado, passam a ter os mesmos comportamentos e crenças deles.

"Em nós, humanos, os comportamentos básicos, crenças e atitudes dos pais também são "incorporados" às redes sinápticas de nossa mente subconsciente e, uma vez que passam a fazer parte de nós, controlam nossa biologia pelo resto da vida... a menos que encontremos uma maneira de reprogramá-los." (LIPTON, 2007, p.196)

Assim, observamos que este autor chega a conclusões semelhantes às apresentadas por Maturana e Verden-Zöller, mas o caminho percorrido para chegar nelas é bastante diferente.

Voltando para a Psicologia e para a Análise Transacional, encontramos em James Allen que, no processo de desenvolvimento, diferentes áreas e hemisférios cerebrais são ativados em diferentes idades. No primeiro ano de vida, o hemisfério direito e o sistema simpático estão mais ativos. É um período em que as crianças aprendem a verificar como os adultos estão reagindo e a comunicação é essencialmente não verbal. O olhar da mãe, suas reações faciais e corporais - sentidas em termos de frio/calor, tensão/relaxamento-, sua tonalidade emocional, a resposta às necessidades do bebê, as brincadeiras, são fontes de informação e geram os elementos precursores do script. O tipo de memória desta fase é a memória implícita. Ela tem as seguintes características:

- é não consciente;
- envolve emoções, sensações e comportamentos, porém não há um sentido de self, tempo ou de que algo está sendo lembrado;
- é não verbal e não simbólica;
- desenvolve-se no primeiro ano de vida;
- não é substituída pelo conhecimento explícito;
- envolve o como sentimos e é o principal elemento nos relacionamentos;

- música complexa é compreendida implicitamente;
- conhecimento implícito envolve nossos esquemas ou modelos operacionais de nós mesmos com os outros;
- surge das experiências cotidianas repetidas, interações precoces de alimentação, brincadeiras de acher e bater palminhas, por exemplo;
- importante no re-experenciar e recriar comportamentos, interações e experiências anteriores;
- diz respeito ao muito que sabemos, mas não sabemos como sabemos.

O conhecimento implícito está na base das convicções e decisões básicas, que dão origem à escolha de uma posição existencial. É também na memória implícita que ficam registradas as injunções precoces.

No segundo ano de vida o sistema parassimpático está mais ativo. A hipótese é de que a ativação do parassimpático causado pelas respostas negativas da pessoa que cuida da criança, combinada com a ativação das áreas da amígdala e do córtex orbitofrontal, sensíveis à expressão facial, é que dá ao P1 suas características específicas e o tremendo poder às injunções precoces.

Durante os três primeiros anos de vida, o hemisfério direito parece ser o dominante. Os estados de ego precoces – C1, A1, P1* – são mediados basicamente por circuitos do hemisfério direito e pelo sistema nervoso vegetativo simpático. Eles fazem parte do conhecimento implícito e, em geral, não estão disponíveis para o conhecimento consciente.

Os estados de ego posteriores – C2, A2, P2** – são manifestações dos circuitos neurais do cérebro direito e esquerdo mais integrados e fazem parte da memória explícita.

*P1, A1, C1 = Estados do Ego precoces, onde P1 é o Pai na Criança; A1 é o Adulto na Criança; C1 é a Criança na Criança

** P2, A2, C2 = Estados do Ego plenamente desenvolvidos

Esta memória tem as seguintes características:

- é consciente;
- há um sentido presente do self, tempo e de que algo está sendo lembrado;
- formação requer atenção ao evento na medida em que está acontecendo;
- hipocampo com bom funcionamento;
- desenvolve-se a partir do segundo ano de vida;
- dois tipos: factual e biográfico;
- memória autobiográfica – necessária para a formação do script – desenvolve-se com a ativação do córtex orbitofrontal.

Pelo próprio desenvolvimento, é a partir dos 3 anos, com a maior integração dos hemisférios através do corpo caloso e a ativação de áreas cerebrais relacionadas à linguagem e ao pensamento, que a criança começa a criar narrativas. Inicia como contadora de histórias e acaba, com o passar do tempo, como autobiógrafa, contando histórias de um self coerente.

Voltando para Eric Berne, vamos olhar seus estudos sobre "Intuição e Estados do Ego", uma coletânea de artigos publicados originalmente entre 1949 e 1958 e que trazem questões interessantes sobre a comunicação. No artigo "Acerca da natureza da comunicação"(1953) ele a define como: *"Qualquer emissão de energia que afete um organismo pode ser chamada de comunicação, desde que entendida pelo receptor."* (p. 54)

É interessante notar que Berne fala sobre energia psíquica a partir da observação dos fenômenos do comportamento humano e alguns estudos primeiros sobre o funcionamento cerebral, mas sem ter ainda o conhecimento que Lipton e Allen utilizam para falar sobre energia e redes neurais.

Uma comunicação é "compreendida" quando esta muda a disposição da catexia psíquica no organismo receptor. Qualquer alteração na catexia psíquica em um organismo, tal como a traduzida pela comunicação, muda suas potencialidades para a ação. A catexia diz respeito à carga

de "Energia Psíquica" numa imagem psíquica e o investimento de sentimento e significância nesta imagem. Nem tudo que muda a distribuição de catexia e, por conseguinte, as potencialidades para a ação, é uma comunicação. Mudanças metabólicas, fantasias e sonhos podem fazer o mesmo. O valor de uma comunicação é determinado pela extensão da mudança quantitativa da distribuição de catexia no comunicante e no receptor, e, conseqüentemente, suas potencialidades de ação." (BERNE, 1953, p.55)

Ele reconhece que a comunicação se dá em trocas energéticas e que possui dois níveis: um aberto, social, o que é dito com palavras e gestos conscientes e que se refere ao conteúdo manifesto da comunicação, e outro latente, ulterior, psicológico, que se revela através dos sinais manifestados inconscientemente. Assim como aquele que comunica o faz sempre mais do que pensa conscientemente estar comunicando, aquele que recebe a comunicação processa mais que do que consegue formular em sua mente consciente. O receptor em alguma medida percebe a comunicação latente e a "entende" na medida de sua prontidão. O que o receptor entende, mas não tem consciência, é sua resposta latente à comunicação.

Maturana (2005) também afirma que cada pessoa ouve o que ouve. Uma pessoa não pode especificar o que o outro escuta. O que é possível é apenas convidar a um processo de ouvir determinado sempre naquele que escuta.

Neste sentido, Berne (1953) trabalhou com a idéia de que o que acontece na relação entre duas pessoas é sempre responsabilidade de ambas, já que o comunicante tem a responsabilidade sobre o que emite, mas jamais determina o que o receptor irá captar. A decodificação da mensagem é sempre de responsabilidade daquele que a escuta. Levando esta compreensão para a relação mãe-bebê, temos que muito precocemente imagens e julgamentos se formam na mente da criança.

"imagens primais são representações pré-simbólicas de transações interpessoais, cujo estudo leva diretamente a certas áreas importantes da psicopatologia. Estas imagens, que têm uma qualidade especial

reminescentes de imagens eidéticas, podem ser consideradas como representações claras e indiretas das bases psicofisiológicas da expressão social de outra pessoa. Julgamentos primais são baseados em tais imagens, implicam a compreensão de certas atitudes inconscientes arcaicas de outras pessoas. Essas atitudes derivam de vicissitudes instintivas precoces e expressam uma profunda e persistente qualidade infantil nas relações objetais. Tal compreensão "primal" pode ser influenciada seletivamente pelas necessidades e tendências arcaicas da pessoa que percebe, mas, não obstante, parece refletir acuradamente, apesar disso, algo na maneira do relacionamento de outra pessoa." (BERNE, 1955, p. 61)

Em se tratando de bebês, Berne afirma que eles fazem diagnósticos baseados em seus próprios interesses (sobrevivência e satisfação de necessidades). São hábeis em identificar o que está por trás das defesas e raramente se deixam enganar por falsidades dos adultos, exceto quando estão muito interessados em atender a uma necessidade em aberto. Além disso, é provável que seus diagnósticos se baseiem em comunicações latentes e não em comunicações manifestas, o que fica claro quando voltamos para Allen e entendemos que parte do cérebro está ativa em cada fase do desenvolvimento inicial.

A TAREFA DO PSICOTERAPEUTA

Como comentei na introdução, trazer à consciência os elementos mais regressivos do *Script* - os elementos precursores ou o protocolo - tem sido um interesse em minha prática clínica.

O desafio que se coloca para os psicoterapeutas é como acessar os conteúdos que se encontram registrados na memória implícita, já que não são acessíveis pelas abordagens cognitivas usuais da Análise Transacional. Eu e minha colega analista transacional, Jane Maria Costa, desenvolvemos duas estratégias diagnósticas que temos pesquisado ao longo dos últimos 18 anos. Como boa parte das pesquisas na área da Psicologia, esta tem sido uma

pesquisa qualitativa, onde a pessoa e seus significados é o mais importante. E é do material gerado por estas técnicas de diagnóstico que surgiu o tema deste texto.

Em um workshop de final de semana, em regime de imersão, aplicamos duas técnicas expressivas que são: (1) escolher intuitivamente uma música, e (2) criar um cartaz com colagens de revistas que represente a música escolhida. Consideramos imprescindível trabalhar em grupo, pois, pela vivência do contato com sua história dentro de um grupo acolhedor e amoroso, buscamos promover autoconsciência e estimular mudanças. Pesquisas recentes indicam que a relação cliente-terapeuta é a principal fonte de mudança, pois é num relacionamento-em-contato que os esquemas implícitos de self e de self-com-outros pode ser mudado. O relacionamento terapêutico oferece a oportunidade de alteração e de criação de novas redes neurais, o que significa mudança nos estados de ego e na narrativa pessoal, o *Script*. (ALLEN, 2000)

As atividades centrais no workshop acontecem a partir da escolha de uma música (a pessoa escolhe em um momento de contato interno, respirando profundamente e deixando vir a sua mente uma música que tenha haver consigo naquele momento). Nós pedimos que cada cliente acolha e fique com a primeira música que lhe vier à mente, confiando que sua mente subconsciente fará a melhor escolha. Em seguida, cada um recorda e anota a letra da música e, após ter escrito toda a letra ou os trechos que foram lembrados, um cartaz da música é criado. O pedido é: "construam um cartaz da sua música, usando as figuras das revistas que estão disponíveis".

É a partir desse material produzido pelo cliente que vamos buscar compreender como seu protocolo de *Script* foi elaborado e quais são as questões centrais que estão sendo representadas pela música e pelo cartaz.

Como sabemos, acessar os conteúdos mais regressivos da personalidade exige recursos simbólicos, através dos quais os elementos pré-conscientes e inconscientes possam se manifestar. Escolhermos as músicas e os cartazes como meios válidos para revelar elementos do *Script* foi, em parte, embasado em conhecimento teórico consciente nosso e, em parte, em percepção intuitiva.

Como nós duas gostamos de cantar, sabíamos, pela experiência interna vivida, que através da música podemos expressar estados interiores e, mais ainda, como a música que vêm à mente de forma espontânea costuma ser precisa sobre o que se passa na psique. A música é processada pelo hemisfério direito e ativa os registros da memória implícita, trazendo, portanto, os sentimentos ligados às vivências mais regressivas.

"A música tem valor pré-linguístico porque introduz a linguagem. Sabemos que as crianças abordam o mundo verbal sobretudo através dos cantos e danças de ninar, que tornam possível uma integração do ritmo e da melodia linguística. A música responde a uma necessidade humana vital ao tocar nas raízes mais profundas da psique e ao abrir as portas para o mundo da comunicação verbal". (FERGUSON, 1992, p.169)

Por outro lado, também a experiência com colagens citada anteriormente fez com considerássemos esta técnica da arte-terapia uma possível forma de revelar os dados que buscávamos sobre o *Script*. Pain e Jarreau (1996) consideram a colagem uma atividade de análise e síntese, semelhante ao tipo de processo que realizamos na linguagem, indo das palavras às sílabas e letras cujo sentido desaparece no momento em que encontram outra posição em uma nova composição.

"Ir do sentido ao "non-sense" e deste ao sentido subjetivo é, às vezes, o processo do inconsciente e da aprendizagem da linguagem oral e escrita. Portanto, esta atividade tem dupla ação: terapêutica e pedagógica, reproduzindo de maneira metafórica as transformações da aventura de significar (de ser significante)". (PAIN & JARREAU, 1996, p.190)

Inicialmente nós não víamos nas músicas e nos cartazes mais do que uma ou outra informação sobre o possível *Script* da pessoa. Somente após repetir o trabalho muitas vezes é que fomos tornando-nos conscientes da multiplicidade de informações que eles traziam a tona.

Aos poucos fomos entendendo que os cartazes traziam informações profundas e precisas sobre as primeiras vivências e impressões da criança (representações do self), sobre sentimentos e percepções das relações primárias (esquemas do self-com-outros), estratégias de sobrevivência, necessidades em aberto e expectativas sobre a vida futura.

As músicas contavam "histórias" de relacionamento, mostrando cenários em que decisões e crenças se estabeleceram, revelando as relações vivenciadas com as figuras parentais e também as relações observadas entre eles.

Em nossa pesquisa temos olhado os cartazes a partir do seguinte esquema:

P1				Representações dos esquemas self-outros
A1		Imagem do Self		Estratégias de sobrevivência
C1				Representações mais arcaicas
	passado	presente	futuro	

A folha de cartolina passa a ser o espaço vital onde o inconsciente pode se manifestar. Observamos que o que se manifesta é algum aspecto da experiência total que está mais ativado no momento na vida da pessoa.

O método que utilizamos para a leitura dos cartazes inclui a descrição dos elementos presentes em cada figura, a observação da colocação das figuras no espaço da cartolina, a relação entre as várias figuras, até chegarmos às hipóteses para a interpretação dos significados. A conexão do cartaz com a música é apresentada pelo cliente que está trabalhando seu *Script*. Ele conta como construiu seu cartaz a partir da letra da música escolhida. A interpretação do cartaz também considera os significados que a música traz.

Foi olhando cartazes repetidas vezes que a questão sobre como uma criança pequena registra estas imagens surgiu em minha mente. Nossa experiência têm mostrado que, na infância, temos todos uma profunda acuidade perceptiva e que, ao escolher a música e as imagens para representá-la, trazemos para o sistema consciente elementos do subconsciente, vivências nas relações com o ambiente que impactaram nosso organismo, criando memórias e formando redes neurais.

Trago um cartaz de uma cliente como exemplo destas possibilidades.

Não, no preciso superior que não

raça da cora que o tempo passou

E que tudo entre nós temido

E que a vida não construiu um novo

Conhecimento, talvez nos próximos dias

Vida pequena, vida de alameda

Falta a procura do sigilo

Ou a procura da vida

Vai indo, continuando



Música que inspirou o cartaz: CAMINHEMOS (Herivelto Martins – 1947)

Não, eu não posso lembrar que te amei

Não, eu preciso esquecer que sofri

Faça de conta que o tempo passou

E que tudo entre nós terminou

E que a vida não continuou pra nós dois

Caminhemos, talvez nos vejamos depois.

Vida comprida, estrada alongada

Parto a procura de alguém

Ou a procura de nada.

Vou indo, caminhando

Sem saber onde chegar

Talvez na volta eu te encontre no mesmo lugar.

Neste cartaz vemos a figura de uma mulher bebendo, no canto inferior esquerdo, na área mais regressiva do cartaz. A cliente contou que, no dia de seu nascimento, a mãe havia saído com o marido para um bar, onde beberam juntos. A figura é de uma mulher que está sentada na rua, no chão, aparentando uma origem indígena. É interessante observar que a mãe da cliente saía com frequência de casa sem dizer aonde ia, na mente da filha ela "ia para a rua". Outro ponto a considerar é que a cliente recebeu o mesmo nome da avó paterna, que faleceu quando o pai da cliente era muito pequeno, e que tinha uma origem indígena. É como se esta imagem sintetizasse tanto a experiência direta com a mãe, quanto esta expectativa paterna de que a filha assumisse o lugar vago deixado pela avó.

Logo acima, ainda na zona mais regressiva, temos uma figura com a mesma mulher brigando com dois homens, e logo abaixo, uma figura onde vemos uma imagem de um homem e uma mulher de costas, em preto, delineados sobre um fundo amarelo pálido e com o corpo aparecendo da metade para cima, com traços vermelho e branco, que representam um rasgo, como se fosse uma foto rasgada, separando os dois. As brigas eram constantes na família, e o resultado, na percepção da filha, era os pais afastados, "um para cada lado", com a cor preta indicando tristeza profunda, luto, depressão.

Na faixa superior, na zona das representações do self-com-outros, encontramos a percepção da criança de suas relações com as figuras parentais.

No canto superior esquerdo temos uma figura de um homem tocando violão e uma mulher olhando para ele. Ela refere que os pais gostavam de festas juntos, e com frequência promoviam encontros com música em casa. E, como havia bebida incluída nestes momentos, a sequência do que acontecia está

expressa no cartaz: música e alegria, seguidas de brigas que chegavam a agressões corporais, e a distância do dia seguinte.

Ainda na faixa superior temos uma figura de um carro com dois bonecos dentro, um boneco representando um cachorro, e duas bonecas sentadas sobre uma cerca, vestindo biquínis. A escolha de caricaturas indica que as figuras parentais foram confusas, não ocupando seu lugar de autoridade e proteção. O número de bonecos é o mesmo das pessoas da família: pai, mãe, filho e filha. A "mãe e a filha" parecem duas amigas (e esse é um sentimento da cliente, não de amizade com a mãe, e sim vendo uma mãe que se comporta como uma menina irresponsável, a quem a filha tem que cuidar) e "o pai e o irmão" ocupam o carro. O "irmão" olha com um sorriso desejoso para as duas e o "pai" tem a cabeça para fora do carro, sorrindo e fazendo ok com a mão. Na placa do carro aparece uma palavra: canguru. A representação de toda a família nesta faixa indica que a filha percebia a todos em "pé de igualdade", com ela e o irmão mais velho lado a lado com a mãe e o pai. Não há a percepção dos pais como cuidadores e protetores. A cliente refere que sentia muito medo em vários momentos da infância e quem a protegia era o cachorro da família, que aparece na mesma figura.

Logo abaixo, no centro do cartaz, a zona da imagem do self, aparece uma figura de um deserto, com uma montanha ao fundo, e em primeiro plano uma placa amarela com um desenho de um canguru e as palavras: "próximo" e "10km". Acima e abaixo da figura central, vemos imagens de cidades. Um rio, com uma cidade ao fundo, e um trem de superfície. A cliente, ainda menina, era mandada pelos pais para o centro da cidade, para realizar tarefas para eles. Com frequência ela sentia-se perdida e muito assustada com as pessoas que encontrava na rua. Ela se percebe assim na infância: alguém que carrega outro e que se encontra só, em um deserto, sem proteção nem nutrição.

As três imagens mais à direita, na zona indicada como o futuro percebido pela criança, têm água e são fotos tiradas de longa distância. A idealização de futuro, feita ainda na infância, indica dois movimentos contraditórios. Por um lado, um sonho de ir embora, para bem longe, "do outro lado do mundo", já que

todas as fotos são da Austrália. E, ao mesmo tempo, tanta água nas imagens indica que elementos da experiência intra-uterina e a relação com a mãe precisam ser trabalhados, o que torna esta estratégia de sobrevivência idealizada impossível de ser concretizada. A cliente viverá com a idéia de ir embora, mas com o sentimento de que tem que ficar e cuidar da mãe.

No canto inferior direito, no espaço do cartaz onde encontramos imagens que podem indicar expectativas inconscientes temidas de futuro, uma figura com a clássica foto do Che Guevara, revolucionário e guerrilheiro que foi assassinado muito jovem, lutando pelos povos oprimidos. Esta figura indica uma possível estratégia de lutar pelos mais fracos e morrer jovem (ser morta). E aqui, talvez, a indicação da saída desesperada para o *Script*.

A música que originou este cartaz se chama "Caminheiros" e foi criada em 1947. Era uma música do tempo de jovem do pai e era cantada por ele durante as festas e bebedeiras com os amigos. A música mostra um cenário de separação, de solidão, desesperança, e de ausência de sentido para a vida.

A letra indica que os mecanismos de proteção contra a dor são o esquecer, o deixar de lado, fazendo de conta que tudo passou. Os mecanismos de defesa aqui presentes são a dissociação e a negação, que são utilizados por pessoas que sofreram (e sofrem) abusos.

As injunções sugeridas são "Não Pense" e "Não Sinta" e a posição existencial é não ok/ não ok, a posição do desespero sem saída.

A COMUNICAÇÃO NO INICIO DA VIDA

O espanto que sinto frente a um cartaz se renova cada vez que paro para examinar um deles. E a pergunta que motiva este texto volta com força a minha mente: Como é possível que imagens tão nítidas e sintéticas se formem na mente de uma criança pequeninha, e revelem com tanta acuidade sua experiência inicial com o mundo?

Que as imagens se formem e julgamentos primais sejam feitos por toda criança, é algo que Berne já reconhecia em seus primeiros artigos. Afinal, somos seres que só vivem e sobrevivem em comunidades humanas e adaptarmo-nos ao nosso grupo é tarefa permanente na garantia de nossa sobrevivência.

Nesse sentido, Maturana e Verden-Zöller (2004), trazem com muita clareza a compreensão de que o humano se constitui como humano através da conservação da linguagem. É na conservação do conversar – que engloba o linguajar e o emocionar – que as crianças crescem e se tornam os seres humanos que se tornam. As emoções e ações próprias da sua cultura e, em especial, àquelas que vivenciou na relação materna (lembrando que relação materna quer dizer relação de cuidado) se tornam seu próprio jeito de emocionar, agir e conversar.

E o que acontece com o ser humano em sua relação com o meio? Na visão de Maturana (2005), como sistemas moleculares nos encontramos sendo sistemas autopoieticos, redes de produções moleculares fechadas que existem na contínua produção de si mesmas. Nesse sentido, somos sistemas determinados em nossa estrutura: o externo que incide em nós, somente dispara mudanças determinadas em nossa estrutura. A estrutura está sempre mudando e sempre conservando sua organização e também conservando sua adaptação ao meio em que vive.

A criança aprende a falar sem captar símbolos, transformando-se dentro do espaço de convivência configurado em suas interações com a mãe, com o pai e com as outras crianças e adultos que formam seu mundo. Neste espaço de convivência, seu corpo vai mudando como resultado dessa história, tornando-se congruente como o meio em que vive.

Tornar-se congruente com o meio em que vivemos e o meio estar em congruência conosco é a tarefa número um de qualquer organismo vivo. Quando Lipton (2007) descobriu que a membrana celular é um cristal líquido com portas e canais, ele extrapolou essa compreensão para o organismo humano e percebeu que nossos mecanismos de interação envolvem duas

respostas básicas: crescimento e proteção. A resposta de crescimento acontece quando o ambiente é percebido como nutritivo, implica num mover-se em direção a um sinal que promove a continuidade da vida. E a proteção surge como resposta quando o ambiente é percebido como tóxico e ameaçador.

É interessante notar que, segundo este autor, a comunicação se dá basicamente por meios energéticos. É a transferência de sinais eletromagnéticos que é percebida pelo nosso organismo e processada pelo sistema nervoso, o que vai gerar nossa resposta de adaptação.

É bastante provável que a qualidade dos sinais emitidos pelo organismo tenha relação com seu emocionar e seu linguajar. O padrão vibratório presente nas interações recorrentes entre mãe/pai e filho(a) refletem a classe de emoções e condutas por eles vividas. Isso porque as emoções são o fundamento de todo o fazer animal em geral e de todo o fazer humano em particular. Se esta emoção não se dá, não há história de interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações. Existem duas emoções pré-verbais que tornam isso possível. São elas: a rejeição e o amor. A rejeição constitui o espaço de condutas que negam o outro como legítimo outro na convivência; o amor constitui o espaço de condutas que aceitam o outro como legítimo outro na convivência. A rejeição e o amor, no entanto, não são opostos porque a ausência de um não leva ao outro. O oposto de ambos é a indiferença.

Considerando que o humano se constituiu como linhagem porque o amor constituiu o espaço de conversações, então o amor é a emoção fundamental da linhagem hominídea a qual pertencemos. Neste sentido, é a emoção que precisa acontecer na relação para que o organismo tenha a resposta de crescimento. A presença da rejeição como emoção que fundamenta a conduta na relação, leva necessariamente a resposta de proteção do organismo.

Uma criança, então, está vivendo em permanente interação adaptativa com o seu ambiente. Dispõem, para fazer isso, de um organismo dotado de uma estrutura e organização que permite a leitura e interpretação dos sinais externos que, basicamente, são de caráter eletromagnético, são campos de energia.

Voltando para os aspectos do desenvolvimento infantil, vemos que o cérebro humano desenvolve-se ao longo do tempo, o que faz com que as condições de percepção, registro e entendimento das experiências variem muito. *"A mente do infante faz adições ou representações gerais das experiências repetidas.* (ALLEN, 1999, p. 45)

As condições de uma criança pequena indicam que o que ela percebe será fixado em sua memória implícita: atemporal, não verbal, não consciente, formada a partir das sensações, emoções e comportamentos derivados das interações primeiras com a mãe/cuidador. Neste tempo de vida o principal hemisfério cerebral ativo é o direito, o mesmo hemisfério que estará ativo ao escolher uma música e criar o cartaz no workshop.

É próprio das atividades do hemisfério direito trabalhar com sons, imagens e sensações energéticas. Quando a pessoa escolhe uma imagem para seu cartaz, duas atividades cerebrais estão ativas: com o hemisfério esquerdo – lógico e lingüístico- a pessoa escolhe uma figura buscando uma relação racional com a música que escolheu. Mas, ao mesmo tempo, a busca por uma imagem que tenha expressão simbólica e emocional é feita pelo hemisfério direito. O que percebemos com a mente consciente – vinculada ao hemisfério esquerdo, mas não só a ele – é muito menos do que o que nossa mente subconsciente é capaz de processar. Lipton (2007) afirma que

"a mente inconsciente é capaz de processar cerca de 20 milhões de estímulos ambientais por segundo versus 40 estímulos interpretados pela mente consciente no mesmo segundo.(...) A mente subconsciente, um dos processadores de informações mais poderosos de que se tem notícia até hoje, observa o mundo ao nosso redor e a consciência interna do corpo, interpreta os estímulos do ambiente e entra imediatamente em um processo de comportamento previamente adquirido (aprendido). Tudo isso sem ajuda ou supervisão da mente consciente."(p. 199/200)

Pensar em termos da mente subconsciente e da mente consciente nos remete ao que Berne coloca quando discute a natureza da comunicação. Ele escreve sobre o conteúdo manifesto da comunicação e o conteúdo latente da mesma,

referindo a questão consciente *versus* subconsciente e, também, definindo a comunicação como uma emissão de energia que afeta o organismo, provocando uma mudança no estado do receptor e uma alteração na sua predisposição para a ação.

Claro que na relação mãe-bebê este se encontra, nos primeiros dois anos de vida, com sua mente subconsciente ativa, numa condição de percepção e processamento de informações muito mais ampla do que podemos imaginar a partir de nossa mente consciente. Se considerarmos que as relações de cuidado com a mãe e outros adultos significativos são a principal fonte de experiência da criança, então o adulto emite os estímulos que são captados e processados por um cérebro em processo acelerado de desenvolvimento, mas que ainda não cria um significado associado a palavras, nem ao tempo ou mesmo de que algo está sendo registrado. E, ainda assim, esta lá, nas dimensões subconscientes da mente, guiando de forma silenciosa, toda a percepção de mundo e as maneiras afetivas de agir nas relações.

No cartaz que temos como exemplo, é possível admirar e reconhecer estes processos.

Estas imagens dos cartazes são "imagens do ego": percepções específicas do estado de ego arcaico do paciente em relação às pessoas a sua volta. A imagem primal refere-se a uma orientação instintiva e a imagem do ego a um estado do ego. Ambas representam aspectos da Criança (o estado de ego completo) e juntas constituem um guia útil para a terapia. (BERNE, 1957)

As figuras que se encontram no canto inferior esquerdo, contam de maneira sintética todas as principais transações que aconteciam no ambiente familiar da cliente quando de seu nascimento e primeiros anos de vida. A mãe na rua, a presença da bebida, as brigas que aconteciam entre os pais, a ruptura percebida, envolta em escuridão. Neste cenário, nenhum espaço para a criança, que não está representada no cartaz, exceto como uma caricatura – na imagem do carro vermelho – ou na metáfora do canguru. O canguru que carrega o filhote na bolsa da barriga, numa indicação da inversão de papéis presente na família. Pai e mãe, ambos órfãos, desejando inconscientemente,

encontrar na filha a "mãe" que lhes faltou. A emoção que parece mais presente no cartaz é a agressão e a rejeição, que geram comportamentos de ataque e, depois, afastamento e solidão.

Voltando ao início deste texto, que pretende acrescentar informações para a compreensão do como os registros das vivências iniciais ficam na mente ou, relacionando diretamente com a teoria da Análise Transacional, como o protocolo do script se forma, penso que alguns aspectos foram levantados ao longo do texto que permitem algumas considerações.

O ponto central de minhas reflexões girou em torno da questão da comunicação, em especial a comunicação na relação mãe/pai e filho(a). E o que emergiu com clareza de todas as leituras é que a comunicação entre dois organismos vivos se dá através de campos de energia. Uma assertiva antiga de Berne, agora referendada por pesquisas na área da Biologia e da Física Quântica. Esses campos de energia são percebidos pela criança através de todo o seu organismo, já que cada célula humana tem a capacidade, através de sua membrana, de interagir com o meio. E o organismo como um todo tem a tarefa permanente de se adaptar ao ambiente para sobreviver. A manutenção da congruência entre organismo e meio significa que ambos se afetam mutuamente, e a mudança em um, estimulará a mudança no outro.

Sendo o ser humano uma comunidade de células complexamente organizada, cabe ao cérebro, nesta organização, a tarefa de interpretar os sinais e organizar as respostas necessárias. Nesta função, também o cérebro será muito influenciado pelo ambiente, pois o que será percebido e estimulará a formação de sinapses e redes neurais, é dependente das experiências vividas. Neste sentido, os pais funcionam como engenheiros genéticos. Criam, através da qualidade das relações que estabelecem com seus filhos, as condições de desenvolvimento e o que será criado na mente do seu filho. Talvez o ponto fundamental seja esse: a programação se dá através das interações recorrentes estabelecidas. E, como vimos anteriormente, um histórico de interações pressupõem um emocionar e um linguajar. Ou seja, é através da emoção que gera a conduta e que permeia toda e qualquer manifestação

humana, e do tipo de conversação que esta relação propõe, que a criança vai se constituindo como um humano que pertence àquela família. A criança não analisa e não critica e o que ela aprende como natural nas relações é o que se torna a sua natureza.

Ainda dentro da perspectiva da comunicação, é fundamental considerar que temos uma mente subconsciente e outra consciente, interdependentes, é bem verdade, mas cada uma com seu próprio funcionamento e suas qualidades intrínsecas. A mente da criança pequena é, prioritariamente, a mente subconsciente, com uma capacidade de captação de informações assombrosamente maior do que aquela que desenvolvemos posteriormente com a mente consciente. Esse elemento é determinante para a formação das imagens e dos julgamentos primais e das imagens do ego. Também é necessário considerar que a percepção da criança se dá no cenário interno de suas necessidades de sobrevivência e satisfação de impulsos. Assim, o que resulta na mente é a representação dessa equação entre o próprio self e o self-com-outros e como sentimos que precisamos agir para conseguir o máximo do que desejamos.

Um último ponto que quero considerar diz respeito à natureza necessariamente dupla de toda a comunicação. Cada estímulo tem, em si, uma mensagem manifesta, aquilo que com a mente consciente escolho comunicar, e uma mensagem latente, ulterior, sobre estado interno em que me encontro, o que a mente subconsciente comunica. Quando a emoção que está presente na conduta está de acordo com o que é expresso conscientemente, temos uma congruência interna que é percebida por aquele que recebe a comunicação. Assim como, se a emoção que gera a ação não é percebida conscientemente, e as palavras expressam outra mensagem, temos uma comunicação incongruente que gera desconforto em quem a recebe. Penso que a percepção da criança pequena é bastante precisa a esse respeito. E sua resposta latente é parte do que podemos apreciar através das imagens nos cartazes.

Considerar esta realidade humana faz pensar sobre a importância vital de estarmos cientes do nosso viver emocional, que se dá no corpo e se comunica

como campos de energia, e que determina o que realmente acontece em nossas vidas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALLEN, James R.. "Biologia e Análise Transacional: integração de uma área negligenciada". Transactional Analysis Journal, vol. 29(4), outubro de 1999. Tradução: Rosa R. Krausz

ALLEN, James R.. "Biologia e Análise Transacional II: um apanhado analítico sobre neurodesenvolvimento". Transactional Analysis Journal, 30(4), outubro de 2000. Tradução: Rosa R. Krausz

BERNE, Eric – "Intuição e Estados do Ego". Porto Alegre: UNAT-BRASIL, 2008. (Material didático de circulação restrita)

BERNE, Eric – "O que você diz depois de dizer olá?". São Paulo: Nobel, 1988.

BERNE, Eric – "Sexo e Amor". Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

FERGUSON, Marilyn; COLEMAN, Win & PERRIN, Pat (org.) – "O livro de pragmática de Marilyn Ferguson". Rio de Janeiro: Record, 1992.

LIPTON, Bruce – "A biologia da crença". São Paulo: Butterfly Editora, 2007.

MATURANA, Humberto & VERDEN-ZÖLLER, Gerda – "Amar e Brincar, fundamentos esquecidos do humano". São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco – "A árvore do conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana". São Paulo: Palas Athena, 2005, 5.ed..

PAÏN, Sara & JARREAU, Gladys – "Teoria e técnica da arteterapia: a compreensão do sujeito". Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.